



A Arquitetura: uma amante amantíssima

Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes¹

Luísa Ano-Bom Moreira²

Resumo: A genialidade do arquiteto e urbanista Paulo Roberto Chaves Fernandes transformou o patrimônio histórico de Belém, boa parte oriundo do período de riqueza da borracha, deixando sua marca em projetos icônicos na capital e no interior do Estado, além de sua contribuição no campo das artes com incentivo à literatura, música e diversas manifestações artísticas e culturais. Walter Benjamin conta, em um livro sobre a vida dele em Berlin, a sua relação com a cidade e os documentos. Dizia que em cada lugar que ele ia, encontrava seu passado. Assim era Paulo Chaves, nosso arquiteto-flaneur, que mergulhava fundo em cada projeto desenvolvido por ele e sua equipe à Belém do Grã Pará que tanto amava. Sua morte, ocorrida em 17 de março de 2021, deixa-nos o melhor conjunto arquitetônico de obras públicas desse Estado, com refinamento e competência de um gênio, devolvendo à cidade parte de sua herança perdida, e muitas vezes, enterrada.

Palavras-chaves: Paulo Chaves; Patrimônio Histórico; Projetos; Arquiteto-flaneur; Belém.

Architecture: a very modern lover

Abstract: The genius of architect and urban planner Paulo Roberto Chaves Fernandes transformed the historical heritage of Belém, much of it from the period of rubber wealth, leaving its mark on iconic projects in the capital and in the interior of the state, in addition to his contribution in the field of arts with encouragement to literature, music and various artistic and cultural manifestations. Walter Benjamin tells, in a book about his life in Berlin, his relationship with the city, the documents. He said that every place he went, he found his past. So was Paulo Chaves, our architect-flaneur, who dived deep into every project developed by him and his team in Belém do Grã Pará who loved so much. His death, which occurred on March 17, 2021, leaves us the best architectural set of public works of this State, with refinement and competence of a genius, returning to the city part of its lost heritage, and often buried.

Keywords: Paulo Chaves; Historical Heritage; Projects; Architect-flaneur; Belém.

Essa entrevista foi realizada em outubro/2019, na residência do arquiteto Paulo Chaves, sob orientação da Profa. Dra. Marcia Cristina Nunes, do Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura – PPGCLC da Universidade da Amazônia, e da aluna Luísa Ano-Bom Moreira para subsidiar a defesa de seu TCC no curso de Arquitetura e Urbanismo, a respeito de seu ato de projeção nas suas obras arquitetônicas na cidade de Belém, durante seu cargo de Secretário de Estado de Cultura – SECULT/PA. O TCC intitulado “Há de se chamar as ventanias...” a trajetória arquitetônica de Paulo Chaves, recebe esse título “Há de se chamar as ventanias...” em razão de uma estrofe que compõe a poesia mais recente escrita por Paulo Chaves, até a conclusão desse TCC. Entre os intuitos para tal composição, o

1 Doutorado em História pela Universidade Federal do Pará. Professora de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura Universidade da Amazônia.

2 Graduanda em Engenharia Civil na Universidade da Amazônia

autor mencionou o desejo que ela se transforme em música, assim como sugeriu essa intitulação, visto que tal enunciado se insere/agrega ao intento do presente.

(M/L) A ideia do TCC é de dividirmos em três importantes capítulos: o primeiro capítulo será uma biografia da sua vida, o segundo sobre como é concebido o ato de projeção em suas obras tendo a reutilização como instrumento de preservação do patrimônio e o terceiro a relação existente entre arquitetura e literatura em seus projetos. Gostaríamos de começar pela sua biografia, sua formação, seus caminhos com a arquitetura e sobre alguns projetos até assumir a SECULT.

(P) Me formei na primeira turma de Arquitetura pela UFPA em 1968. Ainda aluno no último ano da Escola de Arquitetura, fiz alguns trabalhos expressivos, como ainda encontramos o Tribunal de Contas do Estado -TCE, no Governo do Alacid Nunes. Ele era muito amigo da Eva Anderson, presidente do TCE, que solicitou ao Governador que fizéssemos a nova sede, a qual antigamente era no chalezinho dentro do Museu Goeldi. Então, na época, fizemos muito maior, com três andares, mesmo assim com o tempo não foi suficiente. Novos funcionários, novas finalidades, daí foram comprando e construindo em terrenos ao lado... ficou meio poluído né? Descaracterizado. Inevitável, isso é da profissão.

Bem, aí quando sai da escola, mesmo antes de sair, já tinha um escritório com Paulo Cal e o Armando Mendonça. Chegamos a fazer algumas lojas que já desapareceram, alguns projetos como a Belauto. A FUNTELPA, a Companhia de Telecomunicação, onde nós fizemos arquitetura de interiores. Fiz a pedido do João Bosco Moisés Rufino, o Bosco (já morreu), o projeto do Papagini que era uma boate. Acho que ela inaugurou por volta de 1970. No final ele não tinha dinheiro para me pagar, eu me empolguei com o conceito, com o projeto, foi um lugar de referência em Belém durante alguns anos. Então fui uma espécie de sócio compulsório, mas saí com seis meses, não tinha nada a ver comigo.

Esse episódio coincidiu com a falência do meu pai. Minha mãe precisava fazer uma consulta no Rio de Janeiro, acabou ficando dependente do médico e meu pai precisou ficar acompanhando-a. As coisas que ele tinha deixado aqui foram para o brejo e eu tive que cuidar de algumas coisas emergenciais, tive que ficar um tempo aqui arrumando a vida dele.

Enquanto isso, recebia um convite para trabalhar no Rio de Janeiro. Minha amiga chamada Lia Leite (já morreu), montou um escritório junto com italiano “mafioso” chamado Bruno Picolino que tinha uma sociedade com a Editora Abril, mais precisamente para Revista Quatro Rodas. A proposta de projeto era fazer a cada duzentos quilômetros das principais estradas do Brasil um posto de gasolina da Petrobras, que teria uma loja de conveniência e dependendo das circunstâncias um motel para caminhoneiro. Eu fiquei fazendo isso numa equipe de 25 ou 30 arquitetos. Nós éramos dois arquitetos chefiando isso, eu e um arquiteto austríaco.

(M/L) A Rosário nos contou sobre os episódios de jogar fora as lapiseiras. Por quê? O que significava?

(P) Isso aconteceu nos anos 1970. Eu colocava as lapiseiras fora, e elas por diversas vezes votaram. Então, vocês não queriam que eu falasse de política, mas tem política pelo meio. Nos anos setenta foram anos tirânicos, anos de chumbo... eu estava com meu pai, minha mãe morando fora daqui, e naturalmente querendo que eu

fosse para o Rio de Janeiro com eles. Eu estava com um desgosto muito grande pela falta de liberdade no Brasil, censura. Então, aqueles movimentos todos de resistência, cinema novo, tropicalismo, MPB, Chico, Glauber Rocha por aí vai, foi um momento de grande efervescência cultural e eu no Rio. Daí eu resolvi abandonar esse emprego que pagava muito bem, um dos melhores trabalhos do Rio de Janeiro na época, porque era um contrato milionário, com uma editora milionária, que era a editora Abril na época imprimido, inclusive a revista Quatro Rodas. Como eu almoçava lá no centro da cidade, os restaurantes eram bem diferentes, eu conheci umas coisas interessantes, conheci alguns malucos também, já me identifiquei. Eu fazia a cabeça dos caras em relação a Ditadura. Isso foi me dando novamente um enjoo pela arquitetura e foi quando a Rosário te conta que eu joguei as lapiseiras na Baía de Guajará e na Baía da Guanabara também.

Além disso, eu fui convidado pelo escritório do Paulo Casé e Luiz Acioli dois bons arquitetos (já morreram). Fui recebido por um arquiteto capataz dos dois - Orangel, daqueles arquitetos que cobravam horário, que exigiam produção, e isso não combinava comigo. Não me enquadrei. Não muito obrigado. Não, ainda fiz uma tentativa: ao invés de aceitar o emprego do Acioli, eu montei em Botafogo, numa vila, um escritorzinho alternativo só com gente criativa, se formando ou já formados. Mas olha, acho que isso durou uns seis meses, oito meses... teve horas que dava certo, horas que não dava. Eu quis criar um núcleo de liberdade de pensamento, de criatividade, coisa que eu gostaria de ter feito com o Governo do Estado, em vez de ser Secretário de Cultura, queria ter sido Secretário da Criação...

Terminei me despedindo desses malucos igual a mim, assumi a marginalidade, joguei fora de novo as lapiseiras. Eu já tinha um projeto na minha cabeça alicerçado até antes de eu entrar na Escola de Arquitetura, que era o cinema, eu comecei a me aproximar do pessoal do Cineclube do Glauber Rocha frequentava as sessões de meia noite do cinema 1 e cinema 2, que eram cinemas de arte, fui me aproximando, passei a viver o Museu de Artes Moderna e mandei pro alto a arquitetura. Então com relação a parceria do cinema, fiz alguns filmes: dois em Belém, dois no Rio de Janeiro. Comecei a participar de festivais. Recebi dois prêmios uma bolsa para Museu do Louvre, e aí vem a realidade: a Ana Julia engravidada do Pablo, e não tínhamos condição de nos mantermos com a bolsa, que era precária. Eu tinha 42 anos.

(M/L) Daí o senhor volta para Belém e como foi o retorno para arquitetura?

(P) A arquitetura some, e eu retomo a arquitetura alguns anos depois, mais precisamente em 1979, passei uns seis ou sete anos sem arquitetura. Aproveitei esse intervalo e fiz o mestrado em Comunicação Social. Eu não ia fazer carreira acadêmica, não era a minha ideia... O Osmarzinho me deu corda e lá foi eu que fui ensinar na Comunicação Social na UFPA.

Eu larguei tantas vezes a arquitetura e tantas vezes ela me conquistou de novo, como as grandes paixões, né? Quando são tórridas, são inexplicáveis, vale tudo. Ou seja, eu acho que eu não escolhi arquitetura, eu acho que eu fui, como em outras profissões também, eu fui escolhido por ela. Tantas vezes eu a neguei, tantas vezes ela me recambiou volta. Uma amante amantíssima. E agora eu estou com vontade novamente de jogar na lapiseira fora. Eu não vou falar de política, mas eu estou meio desiludido, não é justo entrarem com uma série de processos contra mim, eu nunca me apropriei de uma lapiseira, de nada. E agora estou esperando que ela se reapaixone por mim, se tempo houver.

Agora deixa eu te dizer uma coisa: quando eu larguei a arquitetura, na verdade eu estava enriquecendo-a em mim. Esse tempo que eu passei distante dela, na verdade eu estava mais próximo do que imaginava, porque devido a esta minha vida de saltimbanco e de tantas experiências, em tantas áreas. Sabes que eu gosto de escrever, né? Eu gosto muito da atividade de patrimônio, independente da profissão, sempre algumas coisas do passado me acompanhavam, onde eu sinto proteção, sinto um diálogo forte, interior. Então eu estava enriquecendo na hora que eu estudei linguística, na hora em que eu estudei filosofia, na hora em que eu li poesia, na hora em que eu li literatura brasileira, na hora que eu li literatura latino-americano, incluindo os escritores paraenses - o poeta Rui Barata, Max Martins, o Benedito Monteiro, fui me enriquecendo de informações culturais que ultrapassavam a dimensão da arquitetura. Acho que contribuíram muito para a arquitetura. Então, eu sinceramente não acredito muito no arquiteto que não saiba ler ou que não leu.

O arquiteto que não desenvolveu sensibilidade pelas lembranças, pelo patrimônio, esse vínculo do sítio com a pessoa, nada vai conseguir desenvolver. Então, na minha opinião, o arquiteto antes de fazer qualquer projeto deve tentar conceituar o que vai fazer, entender o que vai fazer, respeitar o meio ambiente, respeitar a sua vizinhança urbana, entender que não dá pra fazer a arquitetura sem pensar no urbanismo, sem pensar no tráfego que está medonho, sem pensar na arquitetura que também está medonha, sem pensar em como a cidade está sendo tratada, está uma cidade limpa, o lixo organizado, isso tudo é o que contribui para uma boa arquitetura. Agora, ela pode até não contemplar tudo isso, ela pode até não ter essas virtudes, mas se ela conseguir encantar ou entusiasmar alguém já cumpriu sua missão. Aí, eu já estou te dizendo que a fórmula da arquitetura, o desenho, ele também pode por si só, provocar encantamento. E se provocou encantamento já cumpriu a sua missão, não precisa nem funcionar, basta-se.

(M/L) E o convite para Prefeitura e para o IPHAN? Quais foram os projetos interessantes por lá desenvolvidos?

(P) Em 1983, na passagem pela Prefeitura, conheci a Rosário. Aí fiz as restaurações da Praça Batista Campos, Praça da República, Praça Dom Pedro que fica em frente aos palácios, Mercado de São Braz, Ver-o-Peso, Solar da Beira. Café chique que já demoliram, a política demoliu. Mas nós não vamos falar em política. Vamos falar da paixão. Política hoje virou sinônimo de pornografia.

Em 1994, fui indicado pelo Senador Juvêncio Dias para o IPHAN. Já era um estudioso de patrimônio, era muito ligado a arte sacra eu frequentava os antiquários - são dicas que eu estou dando. Ia aos leilões, eu visitava os antiquários quando viajava para Santelmo, Feira do Vasco, aquela maravilhosa feira Camden Market em Londres, feira de antiguidade Marshall Price em Paris. Enfim, eu sempre me dediquei a história, a filosofia, as artes... isto trouxe um grande contributo para a arquitetura que eu faço. O que eu posso te dizer e recomendo, se você deseja ter prática de arquitetura, estude, estude muito, um pouco de tudo; ouça música, ouça tudo; veja o teatro, vá as óperas, enfim se interesse também pela cafonice de uma novela da Globo, não é proibido, ali você também aprende algumas coisas detestando o outro, mas faz parte do jogo. Enfim, viver é parte da emboscada da vida.

Comecei no IPHAN fazendo a Igreja de Santo Alexandre. E mais, um projeto de São Joãozinho que a gente tirou aquele público aquele altar que era muito recente. Mas o projeto da Feliz Lusitânia foi muito depois do IPHAN, no Governo do Estado.

(M/L) O senhor é uma referência quando se fala de patrimônio, não só no Estado, mas nacionalmente. Todos os textos que o senhor faz, percebemos nitidamente sua paixão por Belém. O que Belém representa na sua vida?

(P) Tudo, é uma amante tropical complicadíssima, muito complicada, mas sobre a Santa Maria de Belém do meu Pará eu tenho o texto miúdo que está no Belém da Saudade, vocês já leram? Aquilo é um dos textos, mas é um texto bem sintético onde você vê a minha paixão pela Belém que não conheci e pela Belém que eu ainda pretendo conhecer. Então, ela não me abandonou, ela passa a existir através de vocês! Vocês são a continuidade! Eu apenas deixei um caminho, uma história, uma maneira de fazer. Escutem My Way! (ele fala bem alto). Escute My Way do Frank Sinatra e você lembrará de mim.

(M/L) Já que o senhor deixou esse caminho pra gente, como conseguimos manter essa memória em meio a tanta verticalização, tanto processo contemporâneo de arquitetura? Hoje, como fazemos para colocar na cabeça do estudante de arquitetura que o patrimônio é importante nessa temática contemporânea?

(P) Primeiro, o aluno tem que entender que esse patrimônio é dele. Se ele vilipendiar esse patrimônio, ele está fazendo isso com ele mesmo. Então ele é obrigado a pensar a cidade em qualquer circunstância. Comemorar os bem feitos e lamentar os maus feitos e resistir, porque eu acredito que as pessoas podem ser melhores, apesar de tudo, pelo momento de angústia, mas eu continuo acreditando que é possível fazer pessoas melhores.

Não é possível que a humanidade seja essa desgraça que vivenciamos hoje, em que a morte, seja no Oriente Médio ou seja no Rio de Janeiro esteja banalizada, a violência está banalizada. As pessoas não se escandalizam mais com nada. Não tem significado. E você não encontra uma referência, na minha cabeça eu não encontro. Eu vejo a condição brasileira muito caótica. Eu vejo como uma realidade surrealista. Não é só no Rio de Janeiro, não é só em Belém do Pará, não é só o Brasil. O mundo passa por um momento de provação.

(M/L) A restauração hoje em dia possui conceitos muito atrelados em relação à requalificação, à reutilização e à renovação. Aqui em Belém muitas obras, principalmente as municipais, vemos que tem restauro, mas não tem uma destinação de uso. Então a obra fica acabada e fechada. O que era proposto no decorrer do desenvolvimento dos seus projetos?

(P) Temos um termo que se chama gentrificação que significa a mudança do usuário. Você mantém a cenografia, o cenário, mas expulsa o usuário tradicional. Por exemplo Pelourinho na Bahia eu conheci aquilo antes da reforma, quando o Antonio Carlos Magalhães recuperou os prédios, houve uma gentrificação, muito criticada e elogiada por alguns como sempre. Eles não entendem que o protagonista não são eles e que menos, com certeza, como dizia Mies van der Rohe, menos é mais. Você não pode se sobrepor ao patrimônio porque está se sobrepondo a história que não é só sua, é coletivo, é sonhado em conjunto e sonho que se sonha coletivo é o começo da realidade, Servante.

Com relação aos meus projetos, todos me tocam muito, mas vou citar três: a restauração do Teatro da Paz não foi uma construção, foi uma restauração como só tinha havido uma outra semelhante no governo do Lauro Sodré no início do século passado. Tudo que fizeram no Teatro da Paz foi uma desgraça

completa em todas as reformas, inclusive do meu amigo Alacid Nunes e do Jarbas Passarinho que nunca fizeram uma restauração. Para chegarem no palco do teatro tínhamos uma escadaria dos bastidores para o palco do teatro. Ninguém se lembra disso, mas tinha. Que concretaram. Fizeram de concreto. Da mesma maneira como taparam o fosso aquático de concreto e é isso que dá o que dá a diferença sonora, pra quem se apresenta no Teatro da Paz e fica encantado. É um fosso aquático que tem uma relação empírica com a qualidade do som. Eu tive condições de fazer o Teatro da Paz tão bom ou melhor do que quando encontrei em 1954, quando fui assistir cinco operas por lá. O Teatro da Paz é uma paixão da minha meninice, depois estudei com Donato Melo Junior e percebi que o teatro é um exemplar de tudo que está acontecendo agora. Não é projeto meu, mas eu dei a dignidade que ele estava esperando há muito tempo para funcionar direito!

Além do teatro, não tô dizendo pela ordem, Santo Alexandre pelo mesmo motivo. Desde os meus primeiros dias na Escola de Arquitetura se falava que teve antes disso um museu de arte sacra. Começaram algumas vezes que nunca tinha andamento, roubavam as peças, vendiam, ficava parado, não tinha dinheiro, passou mais de cinquenta anos fechados. Não tinha nada lá nem restauração. Mais de cinco anos. Eu me propus, junto com o conjunto todo, para dar vida a isso, transformar esse rico espaço em termo de arquitetura, mas também de memória em algo que fosse socializada pra população, todos pudessem visitar. Aí surge o Feliz Lusitânia. Quem acreditou nisso foi o Almir Gabriel. Eu me orgulho muito de ter salvo uma das boas coleções de arte sacra do Brasil, que era do Abelardo Santos. Temos hoje um museu de arte sacra que compete com os melhores do Brasil: Belém, Minas e Bahia, São Paulo perde disparado. Nós confrontamos, mas perdemos pra Minas porque foi muito rica no ciclo do ouro, teve Aleijadinho, estamos entre os três melhores. Como você disse, o Feliz Lusitânia é um conjunto de coisas, museus, galerias, esculturas que tão fazendo tudo pra descaracterizar, tudo, porque não interessa neste momento manter a minha alma viva, né? Você disse o ícone né? O ícone tem que ser derrubado para ser colocado o outro. Isto é da vida, isso é da história rei morto, rei posto.

E a terceira, São Jose Liberto, porque quando eu entrei lá com Almir o odor era de sofrimento, que era pra minha sensibilidade movimentos que vinham daquela massa de pessoas sofrendo, que transformavam o ar em algo irrespirável, uma mistura de acre com doce, enjoativo, um miasma. Uma doença crônica, que é insuportável pensar como essas pessoas são transformadas em animais né? Em monstros, tanto é verdade que também matam dezenas de colegas de presídio, companheiros de sofrimento por nada. Eu sentia que de repente aquele lugar de sofrimento, de agonia pudesse ser transformado num lugar de alegria, de convívio, participação, de beleza. Então eu vi aquelas mãos transpassando as grades pedindo um bilhete na mão pra alguém ser porta-voz. Tem um lado da violência, mas tem um lado também humano e quem ainda é capaz de gostar de alguém, porque se tinha malandragem, tinha também a súplica pessoas que não estavam nada satisfeitos com o presídio, mas tem presídios que tratam preso com dignidade. Era o São Jose Liberto, um amontoado de presos sem dignidade. Ali fora o Convento dos Capuchos; aquilo era do Landi, uma olaria no sec. XVIII, meados de 1751 depois quartel e hospital, até se transformar em Presídio São José. Assim era a edificação - o aproveitamento de um prédio antigo cheio de infiltração, maltratado e com o ar completamente poluído, que se transformou no São José Liberto, o Pólo Joalheiro.

(M/L) No momento que era decidida a concepção de um projeto, como era discutido o uso para esses novos espaços junto com sua equipe?

(P) Vou Fazer uma justiça. Eu soube escolher muito bem as pessoas que trabalharam comigo, entre elas a Rosário. A escolha dessas pessoas foi um atrevimento meu. Essas pessoas se deixaram seduzir por mim. As pessoas estavam imbuídas nos mesmos princípios básicos: a paixão pelo fazer o melhor pra sua cidade e o respeito ao ambiente, a natureza, enfim a memória e o pertencimento. É aquela história que você aprende a amar aquela rosa, com seus defeitos e qualidade, você passa amá-la. Lembrei daquele lindo poema do Drummond também, daquela flor que nasce asfalto.

Tivemos muitas ideias compartilhadas. Eu evidentemente que coordenava uma equipe muito criadora, muito apaixonada pelo que fazia, e paixão pelo que faziam. Então sempre tive contributo deles, por exemplo me lembro uma coisa que eu fui demovido quando eu queria colocar numa exposição de carros antigos, tinha uns dez carros em Belém mais ou menos em bom estado de colecionadores. Eu queria fazer um Museu do Automóvel, fui demovido que nem sempre o que eu pensava é o que prevalecia. Mas com certeza tudo que era pensado, todos participavam e a última palavra era minha reconhecendo o que era melhor para o projeto. Discutíamos muito.

(M/L) Queremos entender sua relação da literatura com arquitetura.

(P) O ritmo, a forma, o ambiente, a criação intelectual de espaços que estão sendo descritos para tentarem passar com maior realismo possível o ambiente verdadeiro ou deturpá-lo, mas a escrita, a literatura, a poesia, ela tem que vim com o ritmo, com a métrica, com as proporções, com a cenografia, está além do imediato. Então tem vários movimentos dentro da literatura que se aproximam mais ou menos da arquitetura. Todas essas coisas tão interligadas, né? Existe uma simbiose entre a arte, a cultura em geral e a arquitetura do particular. Arquitetura preferia dizer é parte dessa história ela não é protagonista, ela é parte. Aonde é que existe vida que não exista um ser pensante, uma ocupação, uma ideia. Isso é poesia, isso é literatura. Ou seja, eu vejo um diálogo muito forte muito presente, além do que a literatura eu agora não tenho vontade de viajar, mas a literatura te leva sem tu viajares para viagens muito criativas.

Pra que você se dê conta da importância da literatura, olha isso aqui: ...um maleiro, uma esteira, um cavalo no pasto, uma égua no cio - tá aqui, virou letra de música, poema de Rui Barata, como ele descreve, entra na sua cabeça no Marajó um maleiro, uma esteira, uma beira de rio ele está no trapiche; o cavalo no pasto uma égua no cio. Então esse clima de amazonidade né? Mas não precisa ter este clima pra ser Amazônia. A arquitetura da Amazônia não é uma arquitetura amazônica, é uma arquitetura que se faz na Amazônia. Então não importa tendências, não importa vínculo estilístico, se você faz parte da realidade em tal lugar, esse lugar entra em ti é como a ideia do pertencimento. o lugar te pertence como você pertence ao lugar. Ou seja, isso que você está fazendo é por amor a arquitetura. Ela já está em ti, como estás nela. Vocês estão impregnadas de arquitetura e esta arquitetura ela é recheada por muitas manifestações artísticas, artes plásticas, a fotografia, a literatura, a poesia. Eu acho que eu faço uma tentativa de poetizar os espaços. Por isso que você identificou que quando escrevo esses textos pequenos e tal eu me refiro aos espaços, eu estou me doando a esses espaços como eles estão se doando a mim. O que se chama uma simbiose. é uma coisa que está grudada uma na outra.

A poesia, a literatura em geral ela não vive no descampado, só falando do céu, da terra, das estrelas, ela vive no contexto que vai se ambientando desta ou daquela maneira. Então a literatura precisa de uma cenografia para se expandir como pano de fundo. Arquitetura e a cenografia são pano de fundo da literatura.

(M/L) Por último, o que o senhor nos diz a respeito das pessoas compará-lo a Antônio Lemos, nosso grande intendente de Belém? Semelhanças?

(P) Não quero absolutamente pegar carona no Lemos, nem diminuir a importância dele, mas tem semelhanças que são inevitáveis. Ambos trabalhamos com o sonho de que a vida podia ser bem melhor e as pessoas nela melhores ainda. Ele pegou um momento de grande esperança, um momento que tinha o dinheiro da borracha, ele passou quatorze anos na Intendência e eu passei vinte na SECULT. Lemos pegou a esperança que a Belle Époque trazia para Amazônia, e Belém era a sede deste continente, porta da entrada da Amazônia. Semelhanças das pessoas que foram importantes para a cidade, das obras que foram desenterradas, vivenciadas e deixadas na cidade. É impressionante! A maior semelhança é que ambos estamos sendo expulsos pela porta de serviço. Isso é uma história comum, que se repete, e sei exatamente o que Lemos passou e agora a história aqui se repete. Mais alguma coisa, meu amor?

(M/L) Agradecer a ti por essas três horas de conversa, de aprendizado, de pertencimento pela Belém que não conhecemos, pois temos muito a contribuir e torcendo que a arquitetura te escolha mais uma vez. É muito importante pra todos nós!

Talvez um capítulo inteiro de Alencar não pudesse descrever os feitos de Paulo Chaves por Belém. Se Drummond pretendesse poetizar, com fidelidade, toda a obra de Paulo Chaves em favor da coletividade paroara, possivelmente laboraria mais nessa “...luta vã...”. Durante os anos vividos na Cidade Maravilhosa, Vinícius de Moraes, que tão infinitamente e com maestria a decantou, haveria de, igualmente, labutar para melodiar o legado que aquele ‘Jovem Arquiteto’, frequentador das “sessões de meia noite dos Cinemas 1 e 2”, iria traçar.

A ele merecidos aplausos - se possível ecoados na plateia do Theatro ‘o da Paz’ de seu coração; a ele muitos acordes das dezenas de Festivais de Ópera; a ele toda a dança das águas da fonte simbólica ao lado da Casa das Onze Janelas; a ele o mais belo cortejo de carimbó contracenando com o pôr-do-sol na Estação das Docas; a ele o aflorar de um jardim que comporta o voo de todas as borboletas como partícipes desse cenário, que alia Garças num Mangal a beira do Rio Guamá; a ele toda a benção dos Santos Guerreiros e daqueles como São João e Santo Alexandre; a ele todo pulsar das emoções. Todas as homenagens possíveis àquele que, assim como o apóstolo Paulo, “combateu o bom combate”, na sua “certeza da eternidade” ...

Submetido em: 26.08.2021

Aceito em: 20.09.2021